

OS MARÍTIMOS DO MUNICÍPIO DA MADALENA — ANÁLISE DEMOGRÁFICA DIFERENCIAL (SÉCULOS XVIII-XIX)*

CARLOTA SANTOS**

Resumo: O objetivo do presente estudo consiste em analisar, numa perspetiva histórica de longa duração, os comportamentos demográficos da população do município da Madalena (ilha do Pico), destacando a especificidade das suas comunidades marítimas. Esta observação tem como suporte uma base de dados demográfica e genealógica construída por aplicação da metodologia de «reconstituição de paróquias», implicando a recolha serial dos dados vitais fornecidos pelos registos de nascimentos, casamentos e óbitos produzidos entre 1670 e 1970 para as seis freguesias que integram o atual município. Nesta base de dados foram inseridas, por cruzamento nominativo, as informações relativas à atividade profissional dos homens em idade ativa facultadas por mapas e listagens da população produzidos durante os séculos XVIII e XIX. Estas fontes permitiram localizar ao longo do litoral a implantação de agregados familiares cuja sobrevivência dependia quase exclusivamente dos recursos oferecidos pelo mar. Adotando procedimentos microanalíticos, concluímos pela permanência de comportamentos demográficos que distinguiram a população marítima dos

* Investigação iniciada no âmbito do Projeto POCI/HAR/60940/2004, cofinanciado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (Portugal) e pelo FEDER, através do Programa Operacional Ciência e Inovação 2010. Resultados parcialmente publicados em SANTOS, 2008; SANTOS, 2009.

** Universidade do Minho. csantos@ics.uminho.pt.

restantes setores de atividade laboral: diferenças acentuadas nas idades médias ao primeiro casamento, nas taxas de fecundidade legítima e nos níveis de esperança de vida.

Palavras-chave: Comunidades marítimas da Madalena (ilha do Pico); nupcialidade; fecundidade; mortalidade; análise diferencial.

Abstract: The objective of the present study is to analyze, from a long-term historical perspective, the demographic behavior of the population of the municipality of Madalena (Pico Island), highlighting the specificity of their maritime communities. This observation is supported by a demographic and genealogical database organized according to the «reconstitution of parishes» methodology, implying the serial collection of the vital data provided by the records of births, marriages and deaths produced between 1670 and 1970 for the six parishes that integrate the current municipality. In this database the information regarding the professional activity of men in active age, provided by maps and listings of the population produced during the eighteenth and nineteenth centuries, was inserted through nominative linkage. These sources allowed us to locate the implantation of households along the coast, whose survival depended almost exclusively on the resources offered by the sea. Adopting microanalytical procedures, we conclude that demographic behaviors differentiate the maritime population from other sectors of labor activity: significant differences in the mean ages of first marriage, in terms of legitimate fertility and life expectancy levels.

Keywords: Maritime communities of Madalena (Pico island); nuptiality; fertility; mortality; differential analysis.

INTRODUÇÃO

O Pico era aquilo: aquela Terra Santa aproada a sueste e carregada de vinhos, de baldios, de barcos-de-boca-aberta, de bofage e de iscalho de baleia, com gatinha ainda a pé, mães ainda firmes e belas para lá do oitavo filho, velhos com barba de metro, rapazes prontos para uma cana de leme ou para um báculo de bispo no Padroado do Oriente e felizes com qualquer destes destinos... — tudo isto debaixo de três mil metros de «mistério» coroados de uma agulha de neve...¹

Esta estimulante descrição de Vitorino Nemésio, captando a luminosidade e as sombras que sintetizam o território, a paisagem e o pulsar dos habitantes da ilha do Pico, constituiu um inspirador ponto de partida para a investigação que iniciámos

¹ NEMÉSIO, 1986: 210.

há cerca de uma década e temos vindo a aprofundar ao longo dos últimos anos, visando a análise histórica e demográfica das populações que integram o município da Madalena, numa ótica de longa duração temporal.

Numa perspetiva geológica e tectónica, o Pico é um prolongamento da ilha do Faial, da qual dista apenas 6 km (Figura 1). O seu território é dominado pela montanha com o mesmo nome, que, elevando-se a 2351 m de altitude, condicionou a ocupação humana desde o início do povoamento. Em ambiente geográfico pouco favorável, marcado pela omnipresença do oceano, pela ameaça de erupções vulcânicas e por frequentes manifestações de atividade sísmica, as populações fixaram-se desde o início do povoamento nas partes baixas do litoral alicerçando a sua economia a partir da exploração da terra e dos recursos oferecidos pelo mar.

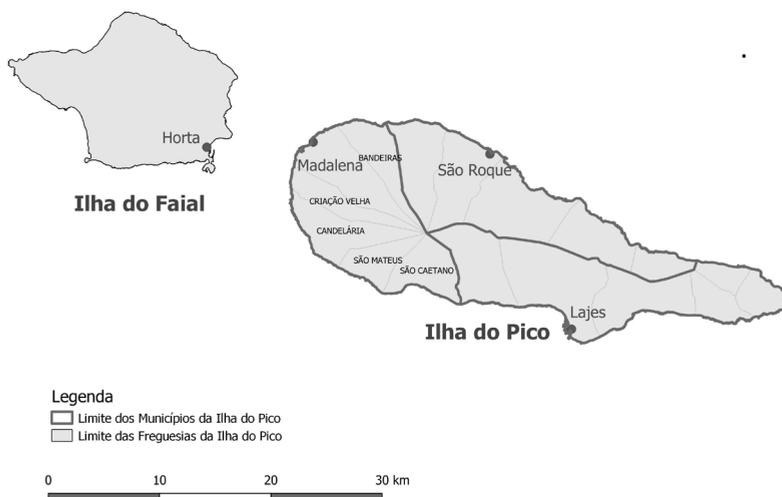


Fig. 1. Ilhas do Pico e do Faial

Fonte: Elaboração própria a partir da Carta Administrativa Oficial de Portugal – Versão 2009
Disponível em <http://www.dgterritorio.pt/cartografia_e_geodesia/cartografia/carta_administrativa_oficial_de_portugal_caop/caop_download_/>.[Consulta realizada em 10/06/2018]

A agricultura, estreitamente relacionada com a diversidade geológica local e com as condições climáticas associadas às variações de altitude, exigiu dos habitantes um esforço físico permanente na conquista de terrenos improdutivos pela dureza do basalto e pelas descidas de lava (a que significativamente deram o nome de mistérios), traduzido numa paisagem única semeada de maroiços² e currais de vinha³.

² Amontoados de pedras provenientes da limpeza dos campos.

³ Conjunto de pequenos compartimentos separados por muros de resíduos vulcânicos, aptos para a plantação de videiras, protegendo-as do vento e da água do mar.

As melhores terras foram aproveitadas para a cultura de legumes, inhames, batata, batata-doce, árvores de fruto, cereais e tabaco. Os terrenos altos abrigam áreas de pastagens, que podem ultrapassar os 800 metros de altitude, matas de criptomérias, acácias e núcleos de floresta de laurissilva onde proliferam algumas espécies originárias dos Açores como o cedro-do-mato, o azevinho, o louro e a urze, que chega a expandir-se até aos 1700 metros.

Das amplas pastagens onde o gado apascentava em estado quase selvagem, sempre beneficiou a economia familiar, dependente da produção pecuária para a sua sobrevivência. Apesar da abundância de bovinos, caprinos, suínos e ovinos, a proporção do consumo de carne na dieta alimentar dos picoenses foi sempre muito reduzida relativamente à dos cereais, quando comparada com os consumos registados em 1884 nas quatro ilhas do ex-distrito da Horta⁴. Esta aparente contradição, já que o Pico sempre se ressentiu de uma produção cerealífera deficitária, determinando a sua regular importação, justifica-se pela complementaridade económica sempre estabelecida com a ilha do Faial que, em meados do século XVIII, acabaria por gerar uma política de intervencionismo económico direccionada para o controlo do comércio e simultaneamente para o fomento da produção⁵.

No município da Madalena, a suavidade do clima aliada às características do solo, fertilizado por lavas vulcânicas recentes, proporcionaram condições favoráveis ao desenvolvimento da vitivinicultura e permitiram assegurar, ao longo do tempo e através do porto da Horta, a exportação de um vinho de excelente qualidade (o *verdelho*) para os mercados do Norte da Europa, da Rússia, dos Estados Unidos da América e do Brasil. A partir de 1853, à semelhança do que ocorreu em território continental, a produção vinícola foi drasticamente reduzida por uma praga de oídio que, devastando grande parte dos vinhedos da região, determinou a replantação dos terrenos no início da década de 1870 com uma casta inferior (*Isabella*), seleccionada pela sua maior resistência mas resultando num produto final de menor qualidade destinado ao consumo local⁶. Este cenário de crise provocou o abandono dos campos e o empobrecimento de um setor significativo da população que incluía não só os trabalhadores rurais mas também os artesãos, afetos ao fabrico e à preparação do vasilhame, ou ainda os marítimos e os portuários ocupados nas tarefas de embarque e distribuição.

A condição insular e a inaptidão das terras mais altas para a exploração agrícola sempre favoreceram as atividades marítimas, estimulando a pesca, a navegação de cabotagem e, a partir do século XIX, a indústria baleeira. Contudo, numa sociedade tipicamente rural e estruturada em função de uma economia de subsistência, viver

⁴ AMORIM, 2004: 196.

⁵ MENESES, 1995.

⁶ JOÃO, 1991.

exclusivamente da pesca nem sempre era viável. A inconstância do mar e a sua inclemência no inverno impediam os pescadores de manterem uma atividade permanente e, neste contexto instável, alguns acabavam por se dedicar alternada ou simultaneamente ao trabalho agrícola, garantindo assim o sustento do agregado doméstico.

OBJETIVOS E METODOLOGIA

O presente estudo visa apresentar os resultados de uma análise diferencial desenvolvida para as populações históricas do município da Madalena, evidenciando a especificidade de comportamentos demográficos observados nas suas comunidades marítimas.

Por aplicação da metodologia de «reconstituição de paróquias»⁷ foram sucessivamente geradas bases de dados demográficas e genealógicas para as seis freguesias que correspondem à atual divisão administrativa do município, partindo do levantamento sistemático das informações facultadas pelos registos paroquiais de nascimentos, casamentos e óbitos⁸. A estas bases de dados, abertas ao cruzamento nominativo, têm sido progressivamente acrescentadas informações provenientes de diversas fontes de carácter social, económico e fiscal, viabilizando a observação de comportamentos diferenciados no interior da população.

No sentido de proceder a uma análise focada sobre as famílias chefiadas por homens afetos à atividade marítima, e uma vez que até à segunda década do século XIX os registos paroquiais nem sempre referem as profissões da população ativa, identificámos nas bases de dados a maior parte dos indivíduos registados em 1770 na *Lista de marítimos da ilha do Pico*⁹, cruzando a informação dos que foram recenseados nos principais portos da região da Madalena.

Para estimar a representatividade deste grupo ocupacional na população da paróquia onde se centram as suas atividades laborais, recuperámos os dados fornecidos pelo *Mapa da População da ilha do Pico em 1770*¹⁰ e, com a mesma finalidade, os que constam nos *Mapas da População de 1838*¹¹. Estas listagens, designando a ocupação profissional dos indivíduos de sexo masculino em idade ativa, permitiram localizar ao longo do litoral a implantação dos agregados familiares cuja sobrevivência dependia quase exclusivamente dos recursos oferecidos pelo mar. Classificados como «marítimos», os chefes destas famílias podiam ser pescadores, remadores, baleeiros ou navegantes, geralmente sem acesso à propriedade de embarcações.

⁷ AMORIM, 1991.

⁸ AMORIM, 1992; MESQUITA, 1998; SANTOS, 2008.

⁹ AHU — Açores, *Lista de marítimos do Pico em 1770*, cx. 8, mç. 16.

¹⁰ AHU — Açores, *Mapa da População da ilha do Pico em 1770*, cx. 8, mç. 6.

¹¹ AGCH — *Mapas da População das Freguesias da Madalena, Criação Velha, Bandeiras, Candelária e S. Mateus em 1838* (sem tratamento arquivístico).

1. REPRESENTAÇÃO DOS MARÍTIMOS NA POPULAÇÃO

Os valores apresentados na Tabela 1, permitidos pelas fontes disponíveis, resumem a distribuição dos homens do mar por freguesias nos anos de 1770 e de 1838. Excluindo dos cálculos a paróquia das Bandeiras, onde não existe porto de mar, verifica-se que, embora em números absolutos se tenha registado um acréscimo do primeiro para o segundo momento, a proporção de marítimos na população do município diminuiu de 1,8 % para 1,6 %.

Tabela 1. População marítima em 1770 e 1838

Freguesias	População total	Marítimos (N)	% Marítimos na população total	% Marítimos na população ativa masculina
1770				
Madalena/C. Velha	2606	52	2,0	**
Bandeiras	1001	0	0	**
Candelária	1298	8	0,6	**
S. Mateus/S. Caetano	2027	44	2,2	**
Município Madalena	6932	104	*1,8	**
1838				
Madalena/C. Velha	4396	63	1,4	6,1
Bandeiras	1238	0	0	0
Candelária	2039	23	1,1	3,9
S. Mateus/S. Caetano	3497	73	2,1	8,1
Município Madalena	11 170	159	*1,6	6,3

* Excluída a freguesia das Bandeiras

** Dados inexistentes

Neste intervalo temporal de aproximadamente 70 anos, as freguesias da Madalena e da Criação Velha acusaram o maior decréscimo (de 2 % para 1,4 %), enquanto as de S. Mateus e S. Caetano mantiveram a respetiva percentagem praticamente inalterada. A paróquia da Candelária foi a única a registar um aumento significativo de marítimos, tanto em termos absolutos (de 8 para 23) como em termos percentuais (de 0,6 % para 1,1 %).

Para uma avaliação do peso dos marítimos na população ativa masculina, e na impossibilidade de analisar a sua evolução dada a ausência de classificação etária dos indivíduos no *Mapa da População de 1770*, procedemos a uma comparação entre as várias paróquias no ano de 1838, constatando que a representação deste grupo ocupacional era mais significativa em S. Mateus/S. Caetano (8,1 %), seguindo-se o espaço da Madalena/Criação Velha, onde 6,1 % dos homens em idade ativa

viviam dos recursos do mar, e finalmente a Candelária, onde apenas 3,9 % se encontravam em idêntica situação.

As características da costa de S. Mateus, particularmente favoráveis na Prainha do Galeão (lugar central da atual freguesia de S. Caetano), onde a ligação ao mar é facilitada através da mais extensa e abrigada baía do Sul do Pico, contribuíram sem dúvida para o dinamismo da sua comunidade marítima. Por outro lado, a maior diversidade de atividades profissionais na sede administrativa e, sobretudo, a natural concentração das que se relacionavam com o setor terciário associado à função pública explicam a diluição dos marítimos no conjunto da população ativa, apesar do seu papel relevante para o desenvolvimento da economia da região, articulada a partir do porto da Madalena. No caso da Candelária, a sua ruralidade e a pequena dimensão do porto do Calhau constituem fatores explicativos para uma menor representação de marítimos nesta freguesia, apesar de o aumento de efetivos ter triplicado no ano de 1838, seguramente estimulado pelo intenso ritmo de crescimento populacional que aí se registou entre 1770 e 1819¹².

2. ANÁLISE DIFERENCIAL DA NUPCIALIDADE E DA FECUNDIDADE LEGÍTIMA

Numa época de natalidade não controlada, a idade média ao primeiro casamento constitui um dos indicadores mais expressivos da nupcialidade, enquanto fator determinante nos níveis de fecundidade legítima e na dimensão familiar. Com efeito, num quadro de baixa incidência de nascimentos ilegítimos, a prática coletiva de uma idade precoce ao primeiro casamento tende a refletir-se em elevadas taxas de fecundidade, enquanto idades médias tardias, atuando como freio preventivo das conceções pela menor exposição das mulheres férteis ao risco de gravidez, tendem a reduzir esses valores. Acresce que a nupcialidade, enquanto variável sociológica, é particularmente influenciada pelas características regionais do sistema fundiário e pelos modelos de herança praticados¹³.

No sentido de avaliar estas interações numa perspetiva diferencial, procedemos ao cálculo das idades médias dos noivos ao primeiro casamento considerando apenas os matrimónios potencialmente «úteis» do ponto de vista da capacidade reprodutiva da mulher que, teoricamente, tem início aos 12 anos e raramente ultrapassa os 49 anos.

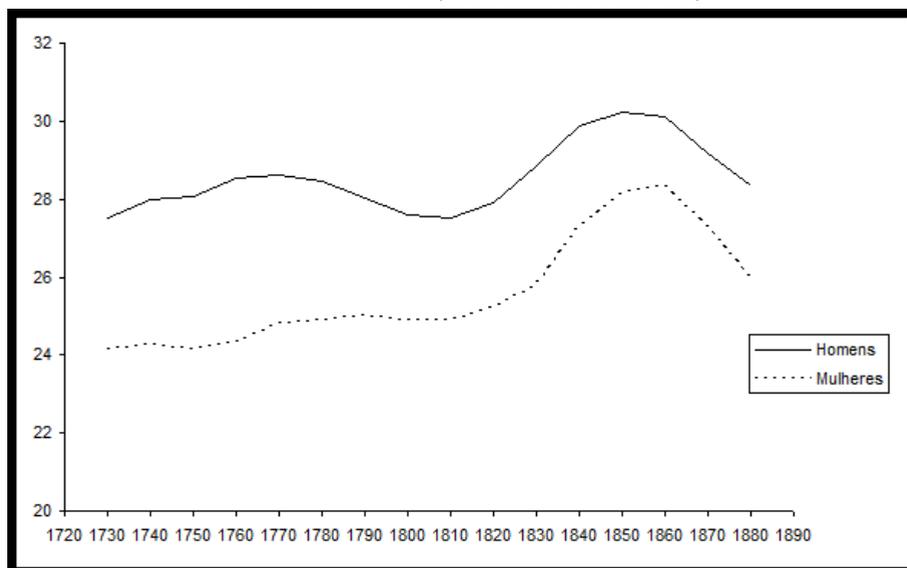
Considerando a evolução dos comportamentos nupciais entre 1720 e 1899 em toda a população, projetada em médias móveis de três décadas (Gráfico 1), observaram-se tendências comuns a uma grande parte das sociedades rurais europeias do antigo regime demográfico¹⁴.

¹² SANTOS, 2008: 58.

¹³ LIVI BACCI, 1971; AMORIM & SANTOS, 2009.

¹⁴ FLINN, 1981; HENRY & HOUDAILLE, 1979.

Gráfico 1. Idade média ao primeiro casamento (<50 anos)
Período de 1720 a 1899 (médias móveis de 3 décadas)



Assim, num quadro de manifesta superioridade etária masculina, registaram-se idades médias elevadas em qualquer período e um aumento notório em ambos os sexos entre 1840 e 1870, com valores máximos em 1860 que rondam os 31 anos nos homens e ultrapassam os 29 anos nas mulheres. Considerando o papel preponderante da vitivinicultura na economia da região, será de admitir uma estreita associação entre este fenómeno e a perturbação económica conjuntural despoletada pela crise das vinhas que, alastrando a partir de 1853, pressionou a população masculina a emigrar, provocando uma acentuada desproporção entre sexos em idade reprodutiva¹⁵.

Ao longo do século XIX, a comparação das idades relativas aos casais cujos recursos provinham da atividade marítima com as que se referem à população em geral (Tabela 2) revela que os primeiros casaram sempre em idade menos tardia, variando entre 24,9-28,9 anos nos homens e 22,7-27,2 anos nas mulheres, relativamente ao conjunto da população cujas idades médias variaram entre 27,6-30,4 anos nos homens e 24,9-27,9 anos nas mulheres. Embora no caso dos marítimos as oscilações periódicas tenham sido mais acentuadas em qualquer dos sexos, as grandes diferenças verificadas sugerem uma menor vulnerabilidade deste grupo aos constrangimentos sociais relacionados com a posse ou a propriedade da terra cuja transmissão hereditária tende a gerar estruturas familiares menos flexíveis que induzem o adiamento do matrimónio¹⁶.

¹⁵ SANTOS, 2008: 63.

¹⁶ SANTOS & MESQUITA, 2011: 37-43.

Tabela 2. Idade média ao primeiro casamento (<50 anos)
Período de 1800 a 1899

Períodos	Homens		Mulheres	
	N	Idade média	N	Idade média
Marítimos				
1800-1824	38	24,9	39	22,7
1825-1849	43	25,9	45	24,4
1850-1874	78	28,9	90	27,2
1875-1899	87	25,0	102	24,8
Toda a população				
1800-1824	1052	27,6	1131	24,9
1825-1849	997	28,1	1074	25,3
1850-1874	722	30,4	776	27,9
1875-1899	751	28,7	868	26,9

Procedendo a uma análise longitudinal desenvolvida a partir da história reprodutiva de sucessivas gerações femininas (Tabela 3), menos influenciada por efeitos colaterais produzidos em cada período histórico, constatamos que em qualquer geração as taxas de fecundidade calculadas para as mulheres casadas com marítimos foram mais elevadas em quase todos os grupos etários, o que resultou seguramente de uma menor duração dos respetivos intervalos médios entre nascimentos. Com efeito, os dados obtidos pelo cálculo dos sucessivos intervalos intergenésicos para as mulheres que geraram pelo menos 8 filhos indicaram que todos eles foram mais curtos em cerca de dois meses relativamente aos que se verificaram na população total, com exceção para o intervalo entre o segundo e o terceiro nascimentos, em que essa diferença é inferior a 30 dias¹⁷.

Tabela 3. Taxas de fecundidade legítima por gerações femininas (‰)

Gerações	Grupos de idade							
	N	15-19	20-24	25-29	30-34	35-39	40-44	45-49
Marítimos								
1780-1839	99	0,476	0,443	0,338	0,381	0,302	0,173	0,024
1840-1899	175	0,494	0,439	0,401	0,354	0,256	0,135	0,019
Toda a população								
1780-1839	2137	0,343	0,410	0,373	0,342	0,291	0,179	0,020
1840-1899	1539	0,395	0,428	0,373	0,315	0,244	0,112	0,14

¹⁷ SANTOS, 2009: 69.

Para a avaliação comparativa da dimensão média familiar, em grande medida determinada pelas tendências anteriormente descritas, selecionámos todos os casais para os quais se conhece a data de início e de fim da união conjugal, em função dos filhos nascidos vivos. A observação da Tabela 4 vem confirmar o que já seria previsível: o número médio de filhos por família atingiu um valor superior nos agregados chefiados por marítimos, quer se considerem todas as famílias (com média de 5,3 filhos) quer apenas as que geraram descendência (com média de 6 filhos), enquanto para toda a população esses valores se situaram em 4,3 e 5,1, respetivamente. Estes resultados refletem seguramente a interferência de menores idades médias ao casamento no primeiro caso que, de algum modo, contribuem para uma teórica expansão do período reprodutivo da mulher, diminuindo simultaneamente as probabilidades de esterilidade feminina associada à mortalidade intrauterina. A atuação conjunta destes fatores poderá explicar não só a mais baixa percentagem de casais inférteis nas famílias de marítimos (11 %) relativamente à que foi obtida para a população total (15,7 %), mas também o valor das frequências acumuladas de casais com 7 e mais filhos que ascende aos 38,6 % no grupo de marítimos, não ultrapassando os 27 % no conjunto populacional.

Tabela 4. Distribuição das famílias segundo o número de filhos

Número de Filhos	1800 – 1899			
	Marítimos		Toda a população	
	N (famílias)	%	N (famílias)	%
0	33	11,0	783	15,7
1	21	7,0	473	9,4
2	15	5,0	479	9,6
3	25	8,3	456	9,1
4	29	9,7	475	9,5
5	29	9,7	476	9,5
6	32	10,7	509	10,2
7	35	11,7	431	8,6
8	27	9,0	344	6,9
9	22	7,3	249	5,0
10	14	4,7	166	3,3
11	9	3,0	82	1,6
12	6	2,0	44	0,9
13 e +	3	1,0	34	0,7
Total	300	100	5001	100

Média de filhos/família		
	5,3	4,3
Média de filhos/família fecunda		
	6,0	5,1
% de infertilidade		
	11,0	15,7

3. APROXIMAÇÃO A UMA MORTALIDADE DIFERENCIAL

Sabemos que ao longo do antigo regime demográfico as taxas de mortalidade infantil e de mortalidade adulta na ilha do Pico, obtidas através de processos microanalíticos, foram sempre pouco penalizadoras, tendo sido também raras as crises de mortalidade observadas num período plurissecular¹⁸. Numa abordagem comparativa entre as várias ilhas do arquipélago dos Açores, foi igualmente encontrada para a população do Pico, em meados do século XIX, uma taxa bruta de mortalidade bastante inferior à das restantes ilhas do arquipélago, assumindo valores pouco comuns tanto no contexto português como no contexto europeu da mesma época¹⁹.

Partindo destes pressupostos, visamos proceder a uma aproximação da mortalidade diferencial no município da Madalena, observando a esperança de vida das gerações nascidas entre 1780 e 1870. Dada a intensa mobilidade que sempre afetou os seus habitantes, optámos por circunscrever a análise ao grupo presumivelmente mais estável, o dos adultos casados.

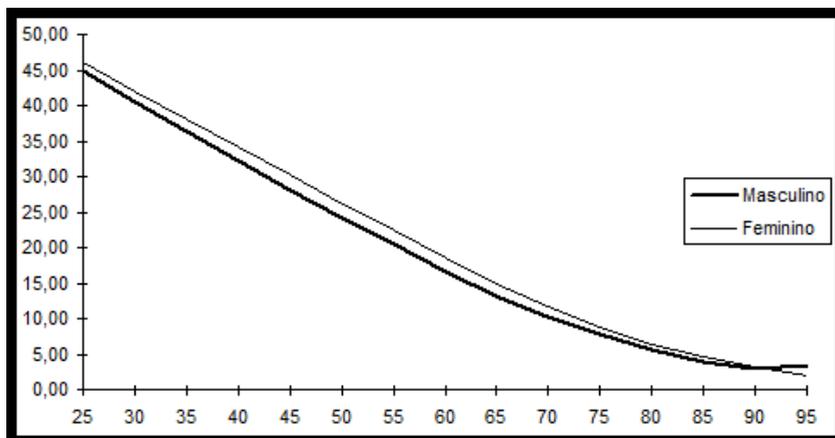
Com base em duas amostras, uma para toda a população e outra para as famílias chefiadas por marítimos, foi estimada para ambos os sexos a probabilidade de sobrevivência a partir dos 25 anos, ancorada no limite inferior de grupos de idades, com intervalos de 5 anos.

Considerando a generalidade da população (Gráfico 2 e Tabela A1), confirma-se a elevada expectativa de sobrevivência em ambos os sexos, mas particularmente nas mulheres. Com uma esperança média de vida que no primeiro grupo de idades atinge os 46 anos, estas sempre registaram valores superiores aos dos homens, com exceção para os dois últimos grupos etários onde a escassez de observações introduz uma variação aleatória não significativa. As diferenças mais acentuadas entre sexos verificam-se dos 35 aos 60 anos, correspondendo a uma amplitude que ronda os dois anos.

¹⁸ AMORIM, 1992: 209-250; MESQUITA, 1998: 109-140; SANTOS, 2008:152.

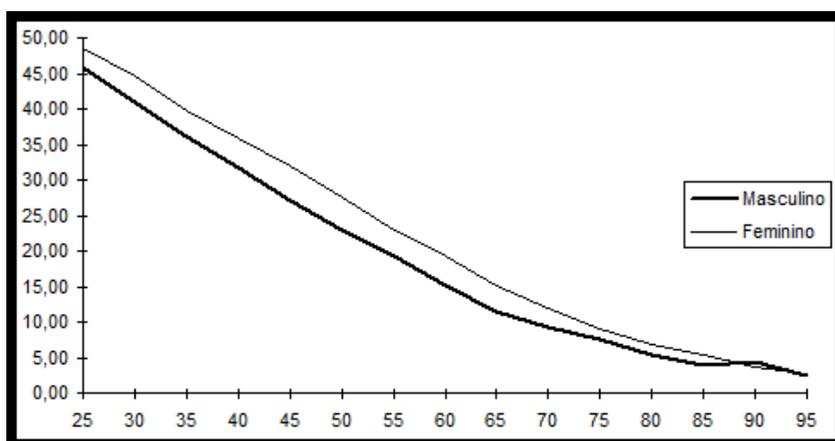
¹⁹ ROCHA & RODRIGUES, 1983.

Gráfico 2. Esperança de vida dos indivíduos casados
Gerações nascidas entre 1780 e 1870 (Toda a população)



Estes resultados globais apontam para a confluência de fatores favoráveis, provavelmente associados ao clima, à alimentação e ao isolamento geográfico que, numa época de frequente ocorrência de surtos epidêmicos, teria propiciado a redução da probabilidade de contração de doenças letais transmitidas por contágio. Por outro lado, a participação ativa da mulher picoense em tarefas agrícolas tradicionalmente realizadas por homens na maior parte das ilhas do arquipélago²⁰ poderia ter contribuído para otimizar a sua resistência física e diminuir a vulnerabilidade a eventuais acidentes de maternidade.

Gráfico 3. Esperança de vida dos indivíduos casados
Gerações nascidas de 1780 a 1870 (Marítimos)



²⁰ ROCHA, 1991:189

No caso das famílias dependentes da atividade marítima (Gráfico 3 e Tabela A1), embora os indivíduos de sexo masculino apresentem inicialmente uma esperança de vida de aproximadamente 46 anos, superior à dos homens em geral, destacam-se por um acentuado declive de valores nos grupos etários seguintes, sobretudo entre os 40 e os 60 anos, onde os respetivos desvios rondam os 12 meses. Esta redução do tempo de vida esperado estará de algum modo relacionada com a dureza das tarefas desempenhadas por este setor socioprofissional, mas também com os frequentes naufrágios que, até finais do século XIX, ciclicamente vitimaram pescadores e tripulantes de barcos, muitos deles assegurando a travessia do porto da Madalena para o porto da Horta. Com efeito, a informação transmitida pelos párocos responsáveis pelos registos de óbito da Madalena, entre 1665 e 1875, permitiu contabilizar 146 mortes relacionadas com atividades marítimas ou, de algum modo, associadas à estreita proximidade do oceano²¹. A título de exemplo, citem-se as seguintes referências daí retiradas:

- Em 2 de outubro de 1709, naufragou junto à Areia Larga um barco vindo do Faial e propriedade do mestre Manuel da Silveira; morreram sete homens, naturais das Bandeiras, de S. João e do Faial, e uma mulher jovem natural da Madalena.
- Em 1 de outubro de 1735, naufragou um barco latino de que não houve notícia alguma e do qual era mestre António Gonçalves. Com ele, faleceram 11 marinheiros com idades entre os 18 e os 50 anos.
- Em 21 de janeiro de 1795, um barco vindo do Faial perdeu-se diante dos olhos de muito povo que observou esta desgraça, tendo falecido 9 homens da Madalena com idades entre os 30 e os 69 anos.

Além destes desastres coletivos e aparatosos, frequentemente observados pela população, registaram-se mortes isoladas de indivíduos que ocasionalmente pescavam ao largo, ou foram vítimas de acidente junto à costa:

- Em 13 de agosto de 1721, Jacinto de Brum caiu ao mar junto ao porto da Areia Larga. Tinha 16 anos e a sua morte foi imediata.
- Em 4 de abril de 1812, Paulo da Silveira, casado e de 49 anos de idade, faleceu com seu filho Manuel, de 16 anos. Estavam pescando e caíram ao mar.

Contrastando com este cenário que penalizava claramente o tempo de vida dos marítimos, as respetivas mulheres sobressaíram pela sua teórica longevidade correspondendo a uma probabilidade de sobrevivência de 48,6 anos no grupo etário de partida e chegando a distanciar-se 4 anos dos valores registados para toda a população feminina.

²¹ SANTOS, 2002: 1-3.

Estes comportamentos divergentes sendo dificilmente interpretáveis a partir das fontes disponíveis, apelam para um aprofundamento do fenómeno através do cruzamento de informações de carácter socioeconómico e antropológico. Neste sentido, a abordagem do quotidiano e dos hábitos alimentares nos diferentes estratos sociais poderá eventualmente contribuir para esclarecer os motivos da excecional longevidade das mulheres casadas com homens do mar relativamente aos comportamentos da globalidade da população onde, ainda assim, a longevidade também se situa num patamar de excecionalidade por referência à maior parte das populações da época.

FONTES MANUSCRITAS

Arquivo Distrital da Horta

ADH — Açores, *Registos Paroquiais das freguesias da Madalena, Criação Velha, Bandeiras, Candelária, S. Mateus e S. Caetano (1636-1970)* (sem tratamento arquivístico).

Arquivo do Governo Civil da Horta

AGCH — *Mapa do Estado da População da Freguesia da Madalena em 1838* (sem tratamento arquivístico).

AGCH — *Mapa do Estado da População da Freguesia da Criação Velha em 1838* (sem tratamento arquivístico).

AGCH — *Mapa do Estado da População da Freguesia das Bandeiras em 1838* (sem tratamento arquivístico).

AGCH — *Mapa do Estado da População da Freguesia da Candelária em 1838* (sem tratamento arquivístico).

AGCH — *Mapa do Estado da População da Freguesia de S. Mateus em 1838* (sem tratamento arquivístico).

AGCH — *Mapas da População das Freguesias da Madalena, Criação Velha, Bandeiras, Candelária e S. Mateus em 1838* (sem tratamento arquivístico).

FONTES IMPRESSAS

Arquivo Histórico Ultramarino

AHU — Açores, *Lista de marítimos do Pico em 1770*, cx. 8, mç. 16.

AHU — Açores, *Mapa da População da ilha do Pico em 1770*, cx. 8, mç. 6.

BIBLIOGRAFIA

AMORIM, Maria Norberta (1991) — *Uma metodologia de reconstituição de paróquias desenvolvida sobre registos portugueses*. «Boletín de la Asociación de Demografía Histórica», IX, 1, p. 7-25.

—— (1992) — *Evolução demográfica de três paróquias do Sul do Pico (1680-1980)*. Braga: Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho.

—— (2004) — *População e recursos básicos. As quatro ilhas do ex-distrito da Horta em finais do século XIX*. In *Atas do III Colóquio – O Faial e a Periferia Açoriana nos séculos XV a XX*. Horta: Núcleo Cultural da Horta, p. 175-205.

AMORIM, Maria Norberta; SANTOS, Carlota (2009) — *Marriage Strategies in Azorean Communities of Pico Island (19th Century) – Differentiated Female Behaviour in Choosing a Lifelong Partner*. In DURÃES, Margarida; FAUVE-CHAMOUX, Antoinette; FERRER, Llorenç; KOK, Jan, coord. — *The transmission of Well Being: Gendered Marriage Strategies and Inheritance Systems in Europe (17th-20th Centuries)*. Bern: Peter Lang AG – Internationaler Verlag der Wissenschaften, p. 143-199.

- FLINN, Michael W. (1981) — *The European Demographic System (1500-1820)*. Suffolk: The Harvester Press.
- HENRY, Louis; HOUDAILLE (1979) — *Célibat et age au mariage aux XVIIIe et XIXe siècles en France. Age au mariage*. «Population», 2, p. 403 - 442.
- JOÃO, Maria Isabel (1991) — *Os Açores no século XIX. Economia, Sociedade e Movimentos Autonomistas*. Lisboa: Edições Cosmos.
- LIVI BACCI, Massimo (1971) — *A Century of Portuguese Fertility*. Princeton: Princeton University Press.
- MENESES, Avelino Freitas (1995) — *Estudos de História dos Açores*. Ponta Delgada: Jornal de Cultura, 2.
- MESQUITA, Maria Hermínia (1998) — *Evolução demográfica na Criação Velha, paróquia do Sul do Pico (1801-1993)*. Ponta Delgada: Direção Regional da Cultura.
- NEMÉSIO, Vitorino (1986) — *Mau Tempo no Canal*. Lisboa: Círculo de Leitores. 1.ª edição: 1944.
- ROCHA, Gilberta (1991) — *Dinâmica Populacional dos Açores no Século XX - Unidade, Permanência, Diversidade*. Ponta Delgada: Universidade dos Açores.
- ROCHA, Gilberta; RODRIGUES, Vítor (1983) — *A população dos Açores no ano de 1849*. «Arquipélago», n.º especial. Ponta Delgada: Universidade dos Açores.
- SANTOS, Carlota (2002) — *O mar, entre a vida e a morte - Apontamentos sobre desastres marítimos ocorridos ao largo da Madalena (ilha do Pico) entre 1665 e 1875*. «Boletim Informativo do NEPS», 28, XI. Guimarães: Universidade do Minho, p. 1-3.
- (2008) — *Biodemografia do concelho da Madalena - Estrutura demográfica e genética de uma população açoriana da Ilha do Pico*. Madalena: Município da Madalena do Pico.
- (2009) — *Comunidades marítimas da Ilha do Pico: comportamentos demográficos durante os séculos XVIII e XIX*. In DUBERT, Isidro; SOBRADO CORREA, Hortensio, coord. — *El Mar en los siglos modernos*. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia, p. 53-70.
- SANTOS, Carlota; MESQUITA, Maria Hermínia (2011) — *Proprietários da Madalena e Criação Velha (Ilha do Pico) em finais do século XIX. Família e Património (Estudo de casos)*. In SANTOS, Carlota, coord. — *Família, Espaço e Património*. Porto: CITCEM, p. 25-45.

ANEXOS

Tabela A1. Esperança de vida de indivíduos casados
Gerações nascidas de 1780 a 1870

Idades	Toda a População			Marítimos		
	Homens N = 2415	Mulheres N = 2639	Total N = 5054	Homens N = 157	Mulheres N = 191	Total N = 348
25	45,0	46,0	45,5	45,9	48,6	47,4
30	40,6	41,9	41,3	40,9	44,6	42,9
35	36,3	38,1	37,2	36,1	39,8	38,1
40	32,1	34,1	33,2	31,8	35,8	34,0
45	28,0	30,3	29,2	27,2	32,0	29,8
50	24,1	26,2	25,1	22,9	27,5	25,4
55	20,4	22,3	21,4	19,2	23,0	21,3
60	16,5	18,5	17,6	15,2	19,2	17,4
65	13,1	14,8	14,0	11,5	15,2	13,5
70	10,2	11,6	10,9	9,2	12,0	10,9
75	7,7	8,8	8,3	7,6	8,9	8,4
80	5,6	6,3	6,0	5,4	6,8	6,3
85	4,0	4,6	4,4	4,0	5,5	5,0
90	2,9	3,2	3,1	4,5	3,8	3,9
95	3,5	2,0	2,4	2,5	2,7	2,6